

Os vidros romanos da colecção Bustorff Silva do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia

Maria Helena Simões *

Resumo

Publica-se um grupo de 48 vidros romanos da colecção Bustorff Silva (no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa).

Não havendo quaisquer referências aos locais ou condições do achado, os vidros são datados recorrendo a paralelos de outros lugares.

Abstract

A group of 48 roman glass vessels from Bustorff Silva's collection (in the National Archaeological and Ethnological Museum, Lisbon) is published here.

As we have neither associated finds nor further informations, the glass pieces are dated only by comparison with other finds elsewhere.

* Mata da Curia — M. I. A. Coimbra

Publicamos neste artigo os vidros romanos provenientes da colecção que Bustorff Silva legou ao Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia sob a condição expressa de apenas poder ser exposta, na sua totalidade, numa sala dedicada a Oliveira Salazar (fig. 1 e 2).

Consultadas as fichas de entrada, constatamos não haver indicações de proveniência, não só das 48 peças de vidro que estudamos, mas também de quaisquer dos outros materiais que integram esta colecção.

A raridade da ocorrência de algumas das suas formas em território nacional e o facto de, no interior de uma das jarras, haveremos encontrado um pedaço de um velho periódico espanhol sugerem-nos a hipótese de que parte das peças possa ter sido adquirida no estrangeiro.

De qualquer modo, julgamos importante a publicação deste conjunto quer pelo interesse das peças quer como forma de estudo e divulgação do património arqueológico nacional ¹.

Os unguentários 1, 2 e 3, em forma de gota ou pingo de mel, pertencem a um tipo que Isings não regista possivelmente porque os incluiria no seu tipo 8 (unguentário tubular com estrangulamento).

Esta forma é antiga. O seu fabrico parece ter tido lugar durante os reinados de Augusto e Tibério ², embora ainda se efectuasse no reinado de Cláudio ³.

¹ Agradecemos ao Prof. Doutor Jorge de Alarcão o facto de nos haver cedido os desenhos destes vidros, cujo estudo havia iniciado, e ao Dr. Francisco Alves, Director do Museu, as facilidades concedidas no acesso aos materiais e ficheiro. As fotografias são da responsabilidade do Sr. António Ventura, fotógrafo do Museu.

² ALARCÃO, J. e A. — *Vidros Romanos do Museu Martins Sarmiento*. "Revista de Guimarães", Guimarães, LXXIII, n.º 1-2, 1963, p. 175-208, espec. p. 182-183.

³ ALARCÃO, J. — *Vidros Romanos de Museus do Alentejo e Algarve*. "Conimbriga", Coimbra, VII, 1968, p. 7-33, espec. p. 10.

Os exemplares de Almeirim, Bensafrim, Aramenha, Salácia, Balsa, Aljustrel, Conimbriga, St.º André ⁴ e Horta das Pinas ⁵ mostram que estes unguentários tiveram bastante difusão em território nacional.

Os exemplares 4, 5, 6, 7, 8 e 9 são de incluir no tipo Isings 8. Destinavam-se ao transporte de bálsamos e o estrangulamento que apresentam servia para se apertar à sua volta um cordão que segurava uma rede de fibras vegetais ⁶.

Segundo Isings, os unguentários deste tipo aparecem em sepulturas datáveis de Augusto e de Tibério e vão até Adriano e Antonino. Alarcão discute a cronologia destas peças, aventando para a época de Tibério e de Tito o fabrico desta variante com estrangulamento a meia altura ⁷.

Em Portugal, este tipo de unguentários aparece-nos documentado em Mértola ⁸, Alcácer do Sal ⁹, Aljustrel ¹⁰, Serrones ¹¹, Horta das Pinas ¹²,

⁴ ALARCÃO — *op. cit.* espec. p. 182, n.º 5 (v. nota 2); ID. *Vidros Romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz*. "Revista de Guimarães", Guimarães, LXXIV, n.º 1-2, 1964, p. 79-116, espec. p. 81-82, n.ºs 1 e 2; ID. — *Quatro Pequenas Coleções de Vidros Romanos*. "Revista de Guimarães", n.º 3-4, 1963, p. 367-389, espec. p. 378, n.º 12; NEVES, J. C. — *Uma Colecção Particular de Materiais Romanos de Aramenha*. "Conimbriga", Coimbra, XI, 1972, p. 5-31, espec. p. 29, n.º 29, n.º 9; ALARCÃO, J. e A. — *Vidros Romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa*. "Conimbriga", Coimbra, VI, 1967, p. 1-45, espec. p. 26, n.ºs 57 e 59; ID. — *Mais Algumas Pequenas Coleções de Vidros Romanos*. "Conimbriga" Coimbra, X, 1971, p. 25-43, espec. p. 26, n.ºs 6 e 7; Alarcão — *op. cit.* espec. p. 10, n.º 3, (v. nota 3); ID. — *Vidros Romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia*. "Conimbriga", Coimbra, XVIII, 1978, p. 102-112, espec. p. 107, n.º 24; ALARCÃO, J. e A. — *O Espólio da Necrópole de Valdoca*. "Conimbriga" Coimbra, V, 1966, p. 7-104, sepults. 325, 369, 422 e espec. p. 100, n.ºs 4 e 5; ALARCÃO, J. — *Céramiques Diverses et Verres*, in "Fouilles de Conimbriga", VI, Paris, F. de Boccard, 1976, espec. p. 163, n.ºs 38 e 39; NOLEN, J. U. S.; DIAS, L. F. — *A Necrópole de St.º André*. "Conimbriga" Coimbra, XX, 1981, p. 7-178, espec. p. 43, n.º D 3.1 (8).

⁵ VIANA, A. — *Vidros Romanos em Portugal*. "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", Porto, XVIII, 1960-1961, p. 5-42, espec. p. 28, fig. 21.

⁶ VESSBERG, O.; Westholm, A.; — *The Swedish Cyprus Expedition. The Hellenistic and Roman Periods in Cyprus*, IV, part 3, Stockholm, 1956, espec. p. 205.

⁷ ALARCÃO — *op. cit.* espec. p. 180-182 (v. nota 2).

⁸ ALARCÃO, J. — *Vidros Romanos de Aramenha e Mértola*. "O Arqueólogo Português", Lisboa, série III, vol. V, 1971, p. 191-200, est. IV, n.º 22.

⁹ ALARCÃO J. e A. — *Quatro Pequenas Coleções de Vidros Romanos*. "Revista de Guimarães", Guimarães, n.º 3-4, 1963, p. 367-389, est. I, n.º 7; ID., — *Mais Algumas Pequenas Coleções de Vidros Romanos*, "Conimbriga", Coimbra, X, 1971, p. 25-43, est. I, n.ºs 2, 3 e 5.

¹⁰ VIANA — *op. cit.*, est. I, n.ºs 3 e 10, est. V, n.º 90 (v. nota 5).

¹¹ ID. — *Ibid.*, est VI, n.ºs 125 e 127; ALARCÃO, J. e A. — *Vidros Romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa*, "Conimbriga", Coimbra, VI, 1967, p. 1-45, espec. p. 43 n.ºs 62 e 64.

¹² VIANA — *op. cit.*, est. III, n.º 47 e est. VI, n.º 126 (v. nota 5); ALARCÃO, — *op. cit.* p. 43, n.ºs 62 e 65 (v. nota 11).

Padrão¹³, Bensafrim¹⁴, Balsa¹⁵, Valdoca¹⁶, Caveira¹⁷ e St.^o André¹⁸.

Incluimos os exemplares 10, 11 e 12 no tipo Isings 28 *b*, variante cujo reservatório tronco-cónico tem cerca de um terço da altura total do vaso. Cronologicamente, Isings situa-o entre a época de Cláudio ou Nero e inícios do século II.

Em Bensafrim¹⁹, Monte Molião²⁰, Fronteira²¹, Valdoca²², Cons-tância²³, Pombalinho²⁴, Caveira²⁵, Conímbriga²⁶ e Torre de Ares²⁷ encontramos unguentários deste tipo.

No mesmo tipo, variante *a*, incluimos as peças 13, 14, 17, 19 e 20 que, apresentando algumas analogias com o tipo 8, se distinguem deste pela existência de um reservatório mais bojudo e pelo achatamento do fundo.

Também documentado em Portugal, podemos referir exemplares encontrados em Monte Molião²⁸, Bensafrim²⁹ e Alcácer do Sal³⁰.

Encontrando-se já em contextos do século I mas frequente até inícios do século III, os unguentários 15 e 16, ditos em forma de castiçal, incluem-se na forma Isings 82. Para esta forma Isings apresenta algumas variantes³¹, considerando a existência da constrição na base do colo um elemento indicador.

¹³ ID. — *Ibid.*, est. III, n.^o 45 e est. I, n.^o 22.

¹⁴ ALARCÃO — *op. cit.*, p. 79-116, espec. n.^{os} 8, 9, 10, 14 e 16 (v. nota 4).

¹⁵ ALARCÃO — *op. cit.*, est. 9, n.^{os} 2 e 5 (v. nota 3).

¹⁶ ALARCÃO, J. e A. — *O Espólio da Necrópole de Valdoca*. "Conimbriga", Coimbra, V, 1966, p. 7-104, espec. p. 100, n.^o 3.

¹⁷ ALARCÃO, J. — *Vidros Romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia*, *op. cit.*, p. 102-112, est. IV, n.^o 23 (v. nota 4).

¹⁸ NOLEN — *op. cit.*, est. VI, C 4.1 (3); est. IX, C 7.1; est. XVI, D 3.2 (5), D 3.1 (8); est. XXXI, E 2.6; est. XLVII, F 5.5 (v. nota 4).

¹⁹ ALARCÃO — *op. cit.*, — espec. p. 83 e ss., n.^{os} 3 e 4 (v. nota 14).

²⁰ ID. — *Ibid.*, n.^{os} 5, 6 e 7; ID. — *op. cit.*, est. IX, n.^{os} 30 e 31 (v. nota 3).

²¹ ALARCÃO, J. e A., — *Mais Algumas Pequenas Colecções de Vidros Romanos*, *op. cit.*, p. 25-43, est. I, n.^o 14 (v. nota 4).

²² ID., — *op. cit.*, est. XXII, sepult. 313 (v. nota 16).

²³ ALARCÃO, J. — *Sepultura Luso-Romana Descoberta no Concelho de Constância*. "Museu", 2.^a série, n.^o 10, Dezembro, 1966, p. 5-12, fig. 6, n.^o 6.

²⁴ ID. — *Espólio de uma Sepultura Luso-Romana de Pombalinho*. "O Arqueólogo Português", Lisboa, série III, vol. II, 1968, p. 76-86, espec. p. 86, n.^o 5.

²⁵ ID. — *op. cit.*, est. IV, n.^o 22 (v. nota 17).

²⁶ ID. — *Céramiques Diverses et Verres*, in "Fouilles de Conimbriga", VI, Paris, F. de Boccard, 1976, espec. p. 222, n.^{os} 84 e 85.

²⁷ ID. — *Vidros Romanos de Balsa*. "O Arqueólogo Português", Lisboa, série III, vol. IV, 1971, p. 237-261, est. VII, n.^{os} 46 e 50.

²⁸ ID. — *op. cit.*, est. IX, n.^o 29 (v. nota 3).

²⁹ ID. — *op. cit.*, est. I, n.^o 16 (v. nota 14).

³⁰ ID. — *op. cit.*, est. I, n.^o 3 (v. nota 21).

³¹ ISINGS, C. — *Roman Glass From Dated Finds*. Groningen, 1957, espec. p. 97, (Archaeological Traiectina, 2).

Frequentes em Portugal, encontramos-os em Balsa³², Valdoca³³, Aramenha³⁴, Alcanena³⁵, Campo Maior³⁶, Escalos de Cima³⁷, Monte Moilão³⁸, Tróia³⁹, Conímbriga⁴⁰ e Galveias⁴¹.

Para unguentário 18, de reservatório bulbiforme e fundo muito côncavo, apenas encontramos paralelo numa peça proveniente do Alandroal⁴².

De corpo bulboso e colo curto, os unguentários 21, 22 e 23 podem ser incluídos na forma Isings 6, forma muito antiga, encontrada já em túmulos etruscos⁴³. Apresentam algumas variantes, são geralmente coloridas e foi a sua forma inicial susceptível de uma fácil evolução para a forma Isings 26. Não sendo frequentes no nosso país, encontramos alguns exemplos em Alcácer do Sal⁴⁴ e Horta das Pinas⁴⁵.

Para a peça 24, que julgamos ser um tinteiro, não encontramos paralelo algum.

Pretendendo incluir na tipologia de Isings um boião de unguentos semelhantes à nossa peça 25, Alarcão afirma fazê-lo muito dificilmente no tipo 68, ainda que nele caiba grande variedade de formas⁴⁶. Situa-a cronologicamente no século I. São semelhantes ao nosso os exemplares de Monte Herminio (Portalegre)⁴⁷, Valdoca⁴⁸ e Vila Viçosa⁴⁹.

O boião 26 inclui-se na forma Isings 68 e reproduz, em tamanho reduzido, a forma 67 a⁵⁰. O seu horizonte cronológico situa-se entre fins do século I e século IV, ainda que com maior incidência no século II. Alarcão, que publica um exemplar de Aramenha semelhante ao nosso, discute a sua cronologia⁵¹.

³² ALARCÃO — *op. cit.*, est. VI, n.º 42 e 45 (v. nota 27).

³³ ID. — *op. cit.*, espec. p. 48, sepult. 141 (v. nota 16).

³⁴ ID. — *op. cit.*, est. IV, n.º 17 (v. nota 8).

³⁵ ID. — *op. cit.*, est. I, n.º 3 e 4 (v. nota 9).

³⁶ VIANA — *op. cit.*, espec. p. 29, fig. 22 (v. nota 5); ALARCÃO — *op. cit.*, espec. p. 42, n.º 54 (v. nota 11).

³⁷ VASCONCELOS, J. L. — *Antigualhas da Beira Baixa 2 — Objectos Romanos de Escalos de Cima*. "O Arqueólogo Português", Lisboa, XXIII, Jan.-Dez., 1918, n.º 1-2, espec. p. 3, fig. 11.

³⁸ ALARCÃO — *op. cit.*, est. I, n.º 15 (v. nota 14).

³⁹ ID. — *op. cit.*, est. I, n.º 15 (v. nota 21).

⁴⁰ ALARCÃO, J. e A. — *Vidros Romanos de Conímbriga*. Coimbra, Museu Monográfico de Conímbriga, 1965, est. VI, n.º 151.

⁴¹ ALARCÃO — *op. cit.*, est. IV, n.º 20 (v. nota 17).

⁴² ID. — *Ibid.*, est. IV, n.º 21.

⁴³ ISINGS — *op. cit.*, espec. p. 22 (v. nota 31).

⁴⁴ ALARCÃO — *op. cit.*, espec. p. 26, n.º 9 a 11 (v. nota 21).

⁴⁵ ID. — *op. cit.*, espec. p. 42, n.º 56 (v. nota 11).

⁴⁶ ID. — *op. cit.*, espec. p. 93 (v. nota 14).

⁴⁷ ID. — *op. cit.*, espec. p. 92, n.º 17.

⁴⁸ ID. — *op. cit.*, espec. p. 68, sepult. 257 (v. nota 16).

⁴⁹ ID. — *op. cit.*, est. 9, n.º 47 (v. nota 11).

⁵⁰ ISINGS — *op. cit.*, espec. p. 88 (v. nota 31).

⁵¹ ALARCÃO — *op. cit.*, espec. p. 377, est. I, n.º 6 (v. nota 9).

O prato 27 que podemos classificar no tipo Isings 49, é datável do século I ⁵². Encontramos em Portugal exemplares aproximados, ainda que não frequentemente ⁵³.

As taças 28, 29 e 30 integram-se na forma Isings 12 que parece ser a reprodução em vidro de vasos de beber anteriormente fabricados em cerâmica e metal. A decoração mais frequente é constituída por linhas ou fitas esmerilhadas paralelamente à base, mas pode aparecer com caneluras verticais, pintada ou até lapidada e em grande variedade de perfis. Embora a cronologia possa ser bastante dilatada, os exemplares apresentados parecem poder incluir-se no século I. Em Portugal esta forma está já registada, ainda que não seja muito frequente ⁵⁴.

A forma Isings 42 pertencem as taças 31, 32 e 33. Tipo datável da época flaviana até ao fim do século II ou inícios do século III, encontra-se com relativa frequência no nosso território ⁵⁵.

Na opinião de Stern ⁵⁶, as garrafas cilíndricas, sopradas em molde, começaram a ser fabricadas durante a primeira metade do século II. No entanto, Isings considera que a sua forma 51, variante *a*, caracterizada por apresentar um aspecto atarracado e um curto gargalo, é datável de meados do século I ⁵⁷. Em Portugal encontramos paralelo para a nossa garrafa 35 num exemplar de Aramenha ⁵⁸, mas o tipo, na sua variante *b*, está melhor documentado ⁵⁹.

Geralmente datadas do século I ⁶⁰, as garrafas prismáticas do tipo Isings 50 *a*, sopradas em moldes, com a base decorada, perduraram até ao século IV, ainda que os exemplares tardios sejam em muito menor número e apresentem um vidro de inferior qualidade. É neste tipo que incluímos as

⁵² ISINGS — *op. cit.*, espec. p. 63 (v. nota 31).

⁵³ ALARCÃO — *op. cit.*, espec. p. 24 e 25, n.ºs 37 a 40 (v. nota 3); ID. — *Vidros Romanos Procedentes da Coleção do Rei D. Manuel*. "Conimbriga", Coimbra, XV, 1976, p. 56-61, est. II, n.º 7; NEVES — *op. cit.*, est. VIII, n.ºs 1 e 2 (v. nota 4).

⁵⁴ ALARCÃO — *op. cit.*, espec. p. 40, n.º 47 (v. nota 40); ID. — *op. cit.*, espec. p. 198, n.º 26 (v. nota 2); ID. — *op. cit.*, n.º 69 (v. nota 3); ID. — *op. cit.*, est. II, n.º 47 (v. nota 40).

⁵⁵ NEVES — *op. cit.*, est. VIII, n.º 7 (v. nota 4); ALARCÃO — *op. cit.*, est. I, n.ºs 3 a 7 (v. nota 8); ID. — *op. cit.*, est. II, n.º 25 (v. nota 21); ID. — *op. cit.*, est. I, n.ºs 41 a 44 (v. nota 3); NOLEN — *op. cit.*, espec. p. 42, est. LIX (v. nota 4); ALARCÃO — *op. cit.*, est. I, n.º 1 (v. nota 17).

⁵⁶ STERN — *Ancient Glass at the Foundation Custodia*, Groningen, Wolters-Noorhoff, 1977, espec. p. 79.

⁵⁷ ISINGS — *op. cit.*, espec. p. 68 (v. nota 31).

⁵⁸ NEVES — *op. cit.*, est. X, n.º 15 (v. nota 4).

⁵⁹ ALARCÃO — *op. cit.*, est. IV, n.º 13 (v. nota 53); ID. — *op. cit.*, est. V, n.º 48 (v. nota 3); ID. — *op. cit.*, est. II, n.º 7 (v. nota 17).

⁶⁰ ISINGS — *op. cit.*, espec. p. 64 (v. nota 31).

garrafas 36, 37 e 38, tipo aliás frequente no nosso território ⁶¹, geralmente decorado com motivos geométricos, já que a decoração figurativa é mais frequente na forma Isings 84. Conímbriga apresenta exemplares com decoração idêntica à das garrafas 36 e 37 ⁶².

O jarro 39, de forma ovóide e boca larga, não é muito comum. Podemos incluí-lo na forma 58 de Isings e 44 de Jean Morin mas, dada a sua raridade, a datação ofereceu dificuldades. Jean Morin ⁶³ afirma ter sido este tipo fabricado na tradição das enócoas de bronze da época alto-imperial, conhecidas no século III, o que não invalida a hipótese da sua existência já no século II, hipótese aliás corroborada por Colette Pistolet ⁶⁴ que, estudando uma peça semelhante à nossa ⁶⁵, proveniente de uma necrópole de Lattes (Languedoc), pela totalidade do seu espólio, a situa cronologicamente entre a época tiberiana-claudiana e inícios do século II.

Ainda na tradição dos modelos de bronze, os jarros de boca trilobada aparecem tanto na indústria cerâmica quanto na indústria vidreira. O nosso, n.º 40, que podemos incluir na forma Isings 56, não é muito frequente entre nós. Ainda que não haja paralelos exactos do nosso, podemos referir um exemplar recolhido na Citânia de Briteiros ⁶⁶ e um outro, de proveniência ignorada, publicado por Alarcão ⁶⁷, originalmente decorado. St.º André ⁶⁸ documenta também esta forma.

Isings ⁶⁹ propõe como início de fabrico a segunda metade do século I mas admite ter a forma persistido até uma época tardia. O exemplar que ora estudamos, pela forma do pé e pela asa, parece-nos poder ser situado no século III.

Peças de alguma raridade, os cântaros de duas asas aparecem em contextos dos séculos I e II. Nem Isings nem Jean Morin registam o tipo da nossa peça 41. Ainda que não sejam paralelos exactos do nosso, aparecem em Portugal alguns exemplares que Alarcão publica e relaciona com o tipo 346 ou 348 de Kisa ⁷⁰.

⁶¹ ALARCÃO, J. — *Bouteilles Carrées au Fond Decoré du Portugal Romain*. "Journal of Glass Studies" 17, p. 47-53.

⁶² ID. — *op. cit.*, espec. p. 91, est. VI, n.º 148 (v. nota 40); ID. — *op. cit.*, espec. p. 168, PL. XXXVI, n.º 61 (v. nota 26).

⁶³ MORIN, J. — *La Verrerie en Gaule sous L'Empire Romain*. Paris, Henri Laurence Ed., 1913, espec. p. 100.

⁶⁴ PISTOLET, C. — *Les Verres de la Nécropole de Lattes (Herault)*. "Archéologia en Languedoc", n.º 4, 1981, p. 3-58, espec. p. 43.

⁶⁵ ID. — *Ibid.*, espec. p. 43, PL. IX, n.º 172.

⁶⁶ ALARCÃO — *op. cit.*, espec. p. 193, n.º 20, est. VII, n.º 3 (v. nota 2).

⁶⁷ ALARCÃO, J. — *Vidros Romanos do Museu Soares dos Reis*. Separata da revista "Museu", 2.ª série, 8, 1964, p. 5-11, n.º 1, foto 1.

⁶⁸ NOLEN — *op. cit.*, espec. p. 38, est. XXXII, E 2.15 (v. nota 4).

⁶⁹ ISINGS — *op. cit.*, espec. p. 74 (v. nota 31).

⁷⁰ ALARCÃO — *op. cit.*, espec. p. 27, est. VI, sepult. 64, n.º 2, e tb. p. 90, est. XXXI, sepult. 427, n.º 3 (v. nota 16); ID. — *op. cit.*, espec. p. 15, est. 6, n.º 28 (v. nota 11).

A jarra n.º 42, decorada com depressões obtidas pela manipulação de ferramentas metálicas na massa vítrea ainda plástica, é rara. Esta decoração integra-se na tradição técnica de ceramistas e ourives. Em Portugal encontramos apenas um exemplar semelhante ao nosso ⁷¹ que Alarcão não data por ser desconhecida a sua proveniência e também por este tipo de decoração não definir qualquer cronologia.

Na forma 70 de Isings ⁷² poderemos incluir o balão n.º 43, decorado vulgarmente com círculos horizontais gravados. Isings considera pouco frequente a ocorrência desta forma em Itália e sugere que, embora do facto não existam provas concretas, o fabrico destas peças possa ter tido lugar em Chipre. Em Portugal não conhecemos paralelo para esta peça, mas no Ontario Royal Museum encontra-se um balão semelhante ao nosso que Hayes data dos fins do século I ou um pouco mais tardiamente ⁷³.

Para o pequeno balão 44 encontramos paralelo em exemplares de Borba ⁷⁴ e Aljustrel ⁷⁵ que Alarcão publica e situa cronologicamente entre os séculos I e IV.

A peça 45 é um boião classificável na forma 62 de Isings, forma que, podendo ser anterior, se terá vulgarizado na época flaviana e perdurado até aos séculos IV ou V ⁷⁶. Em Portugal o tipo é frequente ⁷⁷. Alarcão, que estudou os exemplares do nosso país, sugere que, para esta forma, se deva distinguir um tipo, o mais vulgar, de forma quase quadrada, e um outro, mais alto e estreito ⁷⁸, tipo em que, aliás, incluiríamos esta nossa peça.

Belo vaso destinado a mobiliário fúnebre, a urna 46 é uma variante do tipo Isings 64. Vulgares no norte de Itália e sul da Gália, estas peças são usualmente situadas cronologicamente entre o período tiberiano e os fins do século I ⁷⁹. Na colecção do Rei D. Manuel encontramos paralelos para esta nossa peça ⁸⁰.

O testó de urna 46.2 inclui-se na forma Isings 66 *b* e é frequente a partir da segunda metade do século I ⁸¹. Tem igualmente paralelo na colecção do Rei D. Manuel ⁸².

⁷¹ ID. — *op. cit.*, espec. p. 15, est. III, n.º 16 (v. nota 3).

⁷² ISINGS — *op. cit.*, espec. p. 90 (v. nota 31).

⁷³ HAYES, J. W. — *Roman and Pre-Roman Glass in the Royal Ontario Museum*. Toronto, Rom, 1975, espec. p. 58, n.º 144 e p. 169, n.º 144.

⁷⁴ ALARCÃO — *op. cit.*, espec. p. 39, est. IV, n.º 48 (v. nota 21).

⁷⁵ ID. — *op. cit.*, espec. p. 106, est. III, n.º 13 (v. nota 17).

⁷⁶ ISINGS — *op. cit.*, espec. p. 81 (v. nota 31).

⁷⁷ ALARCÃO — *op. cit.*, espec. p. 60, est. II, n.ºs 10 e 11 (v. nota 26); ID. — *op. cit.*, espec. p. 19, n.º 25 (v. nota 3); ID. — *op. cit.*, espec. p. 6, n.º 4 (v. nota 23); ID. — *op. cit.*, espec. p. 50, n.ºs 59 e 60 (v. nota 40); ID. — *op. cit.*, espec. p. 170, n.ºs 80-82 (v. nota 26); ID. — *op. cit.*, espec. p. 9, n.º 3 (v. nota 67).

⁷⁸ ID. — *op. cit.*, espec. p. 105, est. 2, n.º 10 (v. nota 17).

⁷⁹ ID. — *op. cit.*, espec. p. 61 (v. nota 53).

⁸⁰ ID. — *Ibid.*, est. III, n.º 16 e est. IV, n.º 17.

⁸¹ ISINGS — *op. cit.*, espec. p. 85 (v. nota 31).

⁸² ALARCÃO — *op. cit.*, est. IV, n.º 17 (v. nota 53).

As cânulas de vidro, frequentes em estações romanas dos séculos I e II, são feitas de vidro moldado e a sua função não é muito clara. Supõe-se que serviriam para agitar cosméticos ou para os remover dos balsamários. A sua extremidade pode revestir aspectos diversos, concha, ave ou argola, mas a forma mais vulgar é a de cânula torcida como um cordão, achatada numa das extremidades⁸³. Incluímo-la na forma Isings 79, vulgar em território português.

O uso de pulseiras por homens e mulheres foi frequente desde tempos muito remotos, quer como respostas a motivações de ordem estética, quer como sinais de distinção social ou mera credence. Este tipo de pulseira lisa, de secção em forma de D, é comum no mundo romano e está desde há muito documentado em território nacional⁸⁴.

CATÁLOGO

1. *UNGUENTÁRIO* (fig. 3)

Vidro transparente verde-gelo, com bolhas de ar e estrias da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Irisado.

Reservatório tubular, fundo arredondado. Bordo revirado para fora e depois dobrado para dentro, sobre si mesmo.

Alt.: 115 mm. Diâm. da boca: 16 mm.

N.º de inventário: BUS 258

2. *UNGUENTÁRIO* (fig. 3)

Vidro transparente azul Caran d'Ache, com muitas bolhas da ar e estrias da soflagem. Defeituoso no colo.

Completo e intacto. Profunda irisação, com aspecto nacarado.

Reservatório tubular. Fundo quase plano. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 92 mm. Diâm. da boca: 17 mm.

N.º de inventário: BUS 254

3. *UNGUENTÁRIO* (fig. 3)

Vidro transparente verde-gelo, com bolhas de ar e estrias da soflagem.

Completo e intacto. Irisado, tomando a irisação, nalguns pontos, aspecto nacarado.

Fundo quase plano. Bordo rapidamente polido ao fogo.

Alt.: 85 mm. Diâm. da boca: 20 mm.

N.º de inventário: BUS 245

⁸³ ID. — *op. cit.*, espec. p. 374 (v. nota 9); ID. — *op. cit.*, espec. p. 209 (v. nota 26).

⁸⁴ CARDOSO, M. — *Pulseiras Antigas de Vidro encontradas em Portugal*, "Revista de Guimarães", Guimarães, LXXI, 1961, p. 55-63, espec. p. 62; FRANÇA, E. A. — *Anéis, Braceletes e Brincos de Conimbriga*. "Conimbriga", Coimbra, VIII, 1969, p. 17-64, espec. 59-61, est. IV; ALARCÃO — *op. cit.*, espec. p. 211, PL. XLVI, n.º 291 (v. nota 26).

4. *UNGUENTÁRIO* (fig. 3)

Vidro transparente verde-gelo, com bolhas de ar e algumas estrias da soflagem.

Completo e intacto. Ligeiramente irizado e com algumas concreções calcárias.

Corpo tubular com estrangulamento a meia altura. Fundo plano, reduzido. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 87 mm. Diâm. da boca: 22 mm.

N.º de inventário: BUS 251

5. *UNGUENTÁRIO* (fig. 3)

Vidro transparente verde-gelo, com bolhas de ar, impurezas negras e estrias da soflagem.

Fragmentado mas completo. Profundamente irizado.

Corpo tubular com estrangulamento a um terço da altura. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 103 mm. Diâm. da boca: 24 mm.

N.º de inventário: BUS 252

6. *UNGUENTÁRIO* (fig. 3)

Vidro transparente verde-maçã, com bolhas de ar, impurezas negras e estrias da soflagem.

Fracturado mas completo.

Corpo tubular com estrangulamento a meia altura. Bordo cortado com turqueses. Fundo arredondado.

Alt.: 87 mm. Diâm. da boca: 21 mm.

N.º de inventário: BUS 261

7. *UNGUENTÁRIO* (fig. 3)

Vidro transparente verde-gelo, com muitas bolhas de ar, compridas, e estrias da soflagem. Ranhuras fundas cortando toda a espessura do vidro.

Fracturado mas completo. Irisado.

Corpo tubular com estrangulamento a meia altura. Fundo quase plano.

Alt.: 107 mm. Diâm. da boca: 21 mm.

N.º de inventário: BUS 257

8. *UNGUENTÁRIO* (fig. 3)

Vidro transparente verde-gelo (algo azulado), com bolhas de ar, estrias da soflagem e fundas impurezas negras concentradas nessas estrias. Alguma pedra.

Completo e intacto.

Corpo tubular com estrangulamento a meia altura. Fundo ligeiramente côncavo. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 107 mm. Diâm. da boca: 21 mm.

N.º de inventário: BUS 244

9. *UNGUENTÁRIO* (fig. 3)

Vidro transparente verde-gelo, com bolhas de ar e estrias da soflagem. Impurezas negras e concreções calcárias no bordo e bojo.

Completo e intacto. Muito irizado.

Corpo tubular com estrangulamento a meia altura. Fundo plano. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 107 mm. Diâm. da boca: 12 mm.

N.º de inventário: BUS 253

10. *UNGUENTÁRIO* (fig. 3)

Vidro transparente verde-gelo, com abundantes bolhas de ar e estrias da soflagem.

Partido e incompleto no bocal. Irisado.

Corpo tronco-cônico, colo alto e estreito com estrangulamento a um terço da altura. Fundo ligeiramente côncavo. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 108 mm. Diâm. da boca 11 mm.

N.º de inventário: BUS 250

11. *UNGUENTÁRIO* (fig. 3)

Vidro transparente verde-gelo, com bolhas de ar e estrias da soflagem.

Completo e intacto. Muito irisado.

Corpo tronco-cônico, colo alto com estrangulamento a meia altura. Fundo côncavo. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 98 mm. Diâm. da boca 25 mm.

N.º de inventário: BUS 243

12. *UNGUENTÁRIO* (fig. 3)

Vidro transparente verde-gelo, com numerosas bolhas de ar compridas, pedra e impurezas negras.

Completo e intacto. Irisado.

Corpo tronco-cônico, com estrangulamento a um terço da altura. Fundo côncavo. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 107 mm. Diâm. da boca: 22 mm.

N.º de inventário: BUS 266

13. *UNGUENTÁRIO* (fig. 4)

Vidro transparente verde-gelo (algo azulado), com muitas bolhas pequeninas, redondas e oblongas, estrias e diversas imperfeições de modelação. Ligeiramente picado.

Completo e intacto. Irisado em camadas facilmente destacáveis. Alguma leitosidade.

Reservatório triangular, fundo ligeiramente côncavo.

Alt.: 83 mm. Diâm. da boca: 22 mm.

N.º de inventário: BUS 249

14. *UNGUENTÁRIO* (fig. 4)

Vidro transparente verde-maçã, com bolhas de ar, estrias da soflagem e impurezas negras no colo.

Completo e intacto. Bastante irisado.

Corpo triangular, com estrangulamento a meia altura.

Fundo plano. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 149 mm. Diâm. da boca: 27 mm.

N.º de inventário: BUS 224

15. *UNGUENTÁRIO* (fig. 4)

Vidro transparente verde-gelo, com bolhas de ar e estrias da soflagem.

Completo e intacto. Ligeiramente irisado e embaciado.

Marcas de modelação na base do colo.

Reservatório triangular, colo alto e estreito. Bordo arredondado ao fogo. Fundo quase plano.

Alt.: 140 mm. Diâm. da boca 29 mm.

N.º de inventário: BUS 247

16. *UNGUENTÁRIO* (fig. 4)

Vidro transparente verde-gelo, com bolhas de ar oblongas e estrias da soflagem.

Completo e intacto. Muito irisado.

Marcas de modelação na base do colo. Fundo ligeiramente côncavo. Bordo arredondado ao fogo.

Alt.: 138 mm. Diâm. da boca: 30 mm.

N.º de inventário: BUS 255.

17. *UNGUENTÁRIO* (fig. 4)

Vidro transparente verde-gelo, com bolhas de ar e estrias da soflagem.

Incompleto (falta-lhe parte do colo e bordo). Irisado e com concreções calcárias.

Ranhuras fundas cortando toda a espessura do vidro.

Bordo revirado para fora e de novo para dentro. Fundo plano.

Alt.: 123 mm. Diâm. da boca: 31 mm.

N.º de inventário: BUS 238

18. *UNGUENTÁRIO* (fig. 4)

Vidro transparente verde-maçã, com numerosas estrias da soflagem.

Completo e intacto. Irisão espessa nacarada e acastanhada.

Corpo bulbiforme, colo alto e estreito. Fundo côncavo. Bordo arredondado ao fogo.

Alt.: 104 mm. Diâm. da boca: 28 mm.

N.º de inventário: BUS 246

19. *UNGUENTÁRIO* (fig. 4)

Vidro transparente verde-gelo, com bolhas de ar, estrias da soflagem, impurezas negras e pedra.

Completo e intacto. Irisado. Corpo globular, colo alto com estrangulamento a um terço da altura. Fundo plano. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 82 mm. Diâm. da boca: 20 mm.

N.º de inventário: BUS 256

20. *UNGUENTÁRIO* (fig. 4)

Vidro transparente verde-gelo, com pequenas bolhas de ar e estrias da soflagem.

Completo e intacto. Profunda irisão, esmaltada.

Corpo ovóide, fundo arredondado. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 57 mm. Diâm. da boca: 57 mm.

N.º de inventário: BUS 260

21. *UNGUENTÁRIO* (fig. 4)

Vidro transparente azul Caran d'Ache, com estrias muito evidentes da soflagem.

Completo e intacto. Irisão com aspecto nacarado. Ranhuras fundas cortando toda a espessura do vidro. Picado.

Bojo ovóide. Fundo quase plano. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 70 mm. Diâm. da boca: 17 mm.

N.º de inventário: BUS 248

22. *UNGUENTÁRIO* (fig. 4)

Vidro translúcido azul-marinho, com irisão metalizada.

Completo. Deformado no bojo por acção de altas temperaturas.

Corpo bulboso, fundo arredondado. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 45 mm. Diâm. da boca: 15 mm.

N.º de inventário: BUS 267

23. *UNGUENTÁRIO* (fig. 4)

Vidro transparente azul claro, com algumas bolhas de ar e ligeiras estrias da soflagem.

Completo (ligeiramente esborcelado). Irisado. Algumas ranhuras.

Corpo globular, fundo plano, ombro mal marcado. Bordo cortado com turqueses.

Alt.: 54 mm. Diâm. da boca: 15 mm.

N.º de inventário: BUS 259

24. *TINTEIRO* (fig. 5)

Vidro translúcido cor de âmbar.

Ranhuras profundas cortando toda a espessura do vidro. Picado.

Completo e praticamente intacto, excepto uma pequena falha no bordo. Irisado.

Reservatório tronco-cónico, base côncava. Bordo vagamente polido ao fogo.

Alt.: 63 mm. Diâm. da boca: 13 mm.

N.º de inventário: BUS 223

25. *BOIÃO DE UNGUENTOS* (fig. 5)

Vidro transparente verde-gelo, com estrias da soflagem.

Completo e intacto. Irisão nacarada.

Bordo revirado para dentro.

Alt.: 52 mm. Diâm. da boca: 45 mm.

N.º de inventário: BUS 262

26. *BOIÃO DE UNGUENTOS* (fig. 5)

Vidro transparente verde-maçã, com bolhas de ar e concreções calcárias especialmente no bordo.

Completo e intacto. Alguma irisão.

Base côncava. Bordo com lábio descaído para o exterior em forma de aba.

Alt.: 95 mm. Diâm. da boca: 73 mm.

N.º de inventário: BUS 220

27. *PRATO* (fig. 5)

Vidro transparente verde-musgo, profundamente irisado com um tom acinzentado.

Completo e intacto.

Paredes oblíquas, onduladas, fundo rectilíneo, pés repuxados, bordo arredondado ao fogo. Moldura no fundo interno.

Alt.: 28 mm. Diâm. da boca: 150 mm. Espessura na parede: 2 mm.

N.º de inventário: BUS 265

28. *TAÇA* (fig. 5)

Vidro translúcido azul-ultramarino, com bolhas de ar, algumas impurezas negras e pedra.

Completa e intacta.

Copa tronco-cónica, estreitando para a boca e encurvada para a base, decorada com duas zonas gravadas. Base quase plana. Bordo polido ao fogo.

Alt.: 70 mm. Diâm. da boca: 74 mm.

N.º de inventário: BUS 234

29. TAÇA (fig. 5)

Vidro transparente verde-gelo, com bolhas de ar e impurezas negras e algumas estrias da soflagem.

Completa e intacta.

Copa de paredes quase verticais, decorada em duas zonas com linhas finamente gravadas.

Base côncava. Bordo polido ao torno.

Alt.: 61 mm. Diâm. da boca: 67 mm.

N.º de inventário: BUS 221

30. TAÇA (fig. 5)

Vidro translúcido azul-marinho, com pequenas bolhas de ar, algumas impurezas negras e pedra.

Completa e intacta.

Copa de paredes verticais, decorada em duas zonas com linhas gravadas ao torno. Fundo côncavo. Bordo polido ao torno.

Alt.: 87 mm. Diâm. da boca: 79 mm.

N.º de inventário: BUS 232

31. TAÇA (fig. 6)

Vidro transparente verde-musgo, com estrias de soflagem.

Completa e intacta. Profunda irisão de tom cinzento acastanhado.

Copa arqueada, fundo empurrado para dentro, com marca de pontel, pé apertado com turqueses. Bordo em forma de aba, arredondado ao fogo.

Alt.: 47 mm. Diâm. da boca: 123 mm.

N.º de inventário: BUS 236

32. TAÇA (fig. 6)

Vidro transparente verde-maçã, com algumas bolhas de ar.

Completa e intacta. Profunda irisão, com aspecto nacarado.

Copa arqueada, fundo empurrado para dentro, com marca de pontel muito visível. Pé apertado com turqueses. Bordo em forma de aba, polido ao fogo.

Alt.: 40 mm. Diâm. da boca: 94 mm.

N.º do inventário: BUS 239

33. TAÇA (fig. 6)

Vidro transparente verde-gelo, com bolhas de ar, impurezas negras (especialmente no bordo) e estrias de soflagem. Bastante riscada.

Completa e intacta.

Copa arqueada, fundo ondulado, empurrado para dentro, com marca de pontel. Pés apertados com turqueses. Bordo em aba descaída, polido ao fogo.

Alt.: 37 mm. Diâm. da boca: 90 mm.

N.º de inventário: BUS 240

34. TAÇA (fig. 6)

Vidro transparente verde-musgo, com profunda irisão de tom cinzento acastanhado.

Fragmentada no bordo. Incompleta.

Corpo hemisférico, decorada com linhas gravadas ao torno, fundo ligeiramente côncavo. Bordo vagamente polido ao torno.

Alt.: 72 mm. Diâm. da boca: 86 mm.

N.º de inventário: BUS 231

35. GARRAFA (fig. 6)

Vidro transparente verde-maçã.
Completa e intacta. Muito irisada.
Corpo cilíndrico, ombros bem marcados, colo curto. Gargalo cilíndrico, estrangulado no colo. Bordo arredondado. Asa bifida, dobrada em ângulo agudo. Base côncava.
Alt.: 148 mm. Larg.: 132 mm. Espes.: 3 mm. Diâm. do lábio: 42 mm.
N.º de inventário: BUS 237

36. GARRAFA (fig. 7)

Vidro transparente verde-gelo, com concreções calcárias.
Bolhas de ar, especialmente no fundo.
Completa e intacta. Muito irisada.
Corpo sensivelmente cúbico, gargalo cilíndrico, ombros arredondados. Bordo revirado para fora e dobrado para dentro sobre si mesmo. Asa de fita, tripartida. Base relevada com dois círculos concêntricos no interior dos quais se inscreve um hexafólio com uma pérola central.
Três pérolas decoram também os cantos.
Alt.: 115 mm. Diâm. do lábio: 38 mm. Espes.: 3 mm.
N.º de inventário: BUS 227

37. GARRAFA (fig. 7)

Vidro transparente verde-gelo, com algumas bolhas de ar e concreções calcárias.
Fragmentada e incompleta. Muito irisada.
Corpo cúbico, gargalo cilíndrico, ombros descaídos. Bordo revirado e dobrado para dentro sobre si mesmo. Asa de fita tripartida. Base relevada com dois círculos concêntricos no interior dos quais se inscreve um hexafólio. Há uma pérola no centro do hexafólio e nos dois cantos existentes.

Alt.: 111 mm. Diâm. do lábio: 38 mm. Espes.: 2 mm.
N.º de inventário: BUS 226

38. GARRAFA (fig. 7)

Vidro transparente verde-maçã, com concreções calcárias.
Completa e intacta. Muito irisada.
Corpo sensivelmente cúbico, irregular, gargalo cilíndrico com marcas de modelação na base. Ombros arredondados. Bordo revirado para dentro sobre si mesmo. Asa de fita dobrada em ângulo agudo. Fundo ligeiramente côncavo decorado com dois círculos concêntricos muito vagos.

Alt.: 100 mm. Diâm. do lábio: 27 mm. Espes.: 2 mm.
N.º de inventário: BUS 225

39. JARRO (fig. 7)

Vidro translúcido castanho muito escuro, com bolhas de ar e estrias de soflagem. Muito picado e riscado pelo uso. Ranhuras no bordo e bojo.

Completo e intacto. Alguma irisação.

Corpo carenado. Colo sensivelmente convexo. Fundo côncavo. Bordo revirado e dobrado para dentro sobre si mesmo. Asa de secção hemicircular colada à boca e à carena.

Alt.: 128 mm. Diâm. da boca: 62 mm. Diâm. maior: 43 mm. Espes.: 2 mm.
N.º de inventário: BUS 230

40. JARRO (fig. 8)

Vidro transparente verde-maçã, picado e riscado.

Completo e intacto. Muito irisado.

Corpo ovóide de colo suave. Boca trilobada de bordo revirado para dentro. Gargalo alto.

Fundo côncavo. Asa de fita com remate para apoio do polegar.

Alt.: 148 mm. Diâm. da boca: 53 mm. Espes.: 2 mm.

N.º de inventário: 222

41. CÂNTARO (fig. 8)

Pasta de vidro branca, com impurezas negras e sinais de inclusão de elementos não plásticos.

Fragmentado mas completo.

Bojo abaulado, colo alto e bem marcado. Asas de fita, bifidas, ligam o ombro ao lábio.

Bordo revirado para dentro sobre si mesmo. Base plana.

Alt.: 55 mm. Diâm. da boca: 41 mm. Espes.: 1 mm.

N.º de inventário: BUS 241

42. JARRA (fig. 8)

Vidro transparente verde-gelo, com impurezas negras e estrias de soflagem.

Fraturada e incompleta. Muito irisada.

Bojo ovóide, decorado com nove depressões estreitas e ovais.

Pé repuxado com turqueses. Fundo côncavo.

Alt.: 163 mm. Diâm. máximo: 70 mm. Espes.: 1 mm.

N.º de inventário: BUS 219

43. BALÃO (fig. 9)

Vidro transparente verde-gelo, com muitas bolhas de ar e impurezas negras.

Completo e intacto. Irisão amarelada.

Corpo esférico, decorado com linhas gravadas em círculos horizontais. Colo bem marcado.

Fundo côncavo. Gargalo alto e esguio. Bordo revirado para o exterior, pendente, dobrado para dentro sobre si mesmo.

Alt.: 165 mm. Diâm. máximo: 88 mm. Diâm. da boca: 29 mm.

N.º de inventário: BUS 264

44. BALÃO (fig. 9)

Vidro transparente verde-gelo, com numerosas bolhas de ar e concreções calcárias.

Completo e intacto. Irisado e ligeiramente picado.

Reservatório esférico, decorado com linhas gravadas. Gargalo cilíndrico curto. Bordo repuxado para fora, depois para dentro e para cima, formando uma pequena aba descaída. Fundo muito umbilicado.

Alt.: 94 mm. Diâm. do bordo: 27 mm. Espes. 3 mm.

N.º de inventário: BUS 228

45. BOIÃO (fig. 9)

Vidro transparente verde-maçã, com bolhas de ar.

Fraturado mas completo. Bastante irisado.

Corpo prismático de lados desiguais, ligeiramente côncavos.

Ombros oblíquos. Bordo virado para fora e para baixo e de novo para cima.

Alt.: 127 mm. Diâm. da boca: 62 mm.

N.º de inventário: BUS 233

46.1. *URNA* (fig. 10)

Vidro transparente azul-gelo, muito estriado, sobretudo ao nível do colo e nas asas. Muitas bolhas pequenínimas, pedra, concreções calcárias e impurezas que formam linhas negras.

Completa e intacta. Irisão em grandes manchas irregulares e múltiplas camadas facilmente desagregáveis, exclusivamente na parte interna. Leitosidade.

Bojo barrilóide, fundo côncavo, pé apertado com turqueses.

Bocal afunilado, bordo revirado para dentro, asas em "M" ligando o ombro ao lábio.

Alt.: 290 mm. Diâm. da boca: 147 mm. Espes.: 2,5 mm.

N.º de inventário: BUS 268

46.2. *TESTO DE URNA* (fig. 10)

Vidro transparente azul-gelo (esverdeado), com muitas bolhas de ar, estrias de soflagem e impurezas negras.

Completo, ligeiramente esborcelado. Alguma irisão.

Forma sobre o cônico, de lados côncavos.

Alt.: 85 mm. Diâm. do fundo: 125 mm. Espes.: 3 mm.

N.º de inventário: BUS 229

47. *CÂNULA* (fig. 9)

Vidro verde amarelado.

Ligeiramente fragmentada na extremidade inferior.

Secção circular, extremidades em forma de cabeça de prego e pontiaguda. Há um enrolamento monocromático ao longo de toda a superfície da peça.

Comprimento: 226 mm. Diâmetro: 4 mm.

N.º de inventário: BUS 235

48. *PULSEIRA* (fig. 9)

Pasta de vidro negra. Picada.

Secção em forma de D.

Diâmetro: 59 mm. Espessura: 8 mm.

N.º de inventário: BUS 242



Fig. 1 — Vidros romanos da Colecção Bustorff (da esquerda para a direita); 1 — Peças n.^{os} 45, 43, 38, 26, 29 e 42; 2 — Peças n.^{os} 35, 44, 40 e 31.

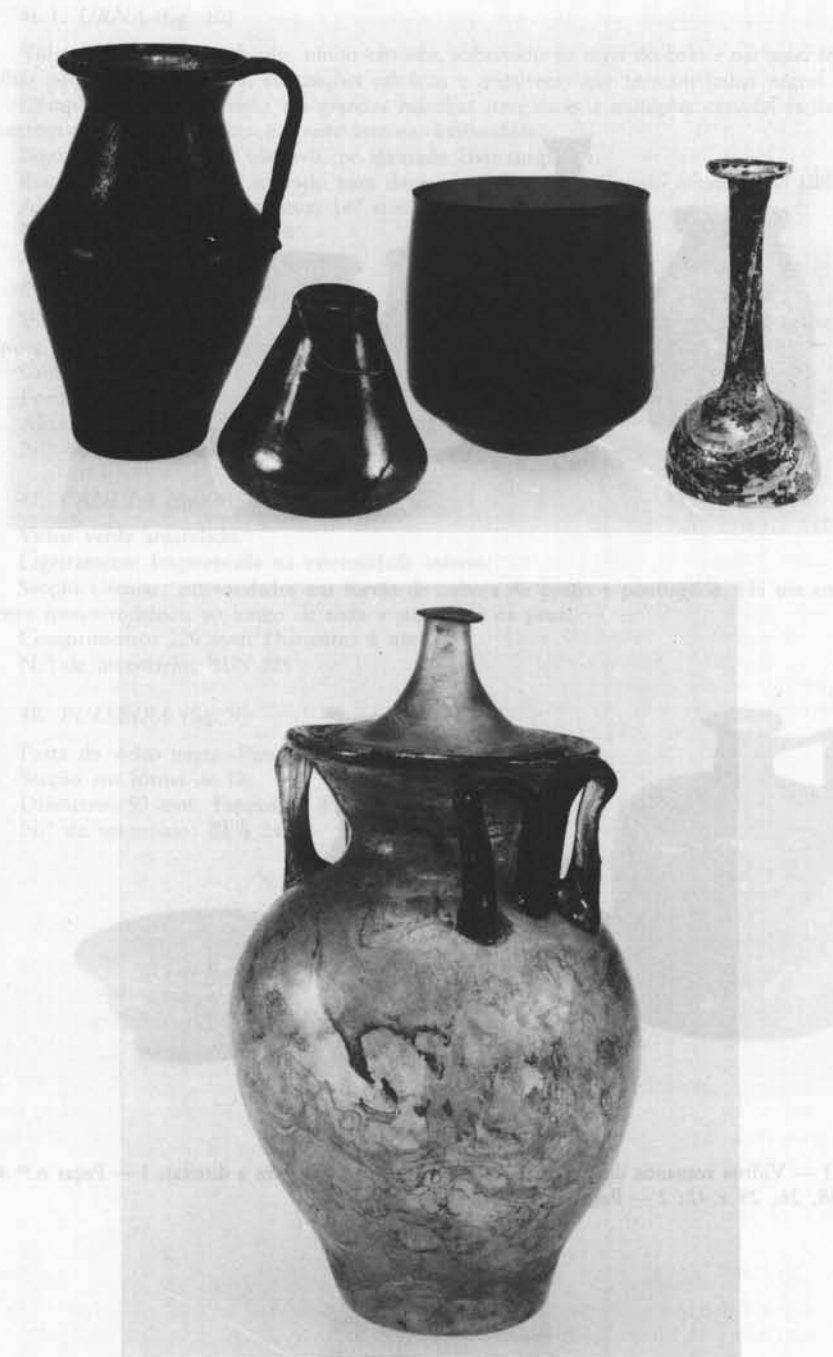


Fig. 2 — Vidros romanos da Colecção Bustorff (da esquerda para a direita); 1 — Peças n.ºs 39, 24, 30 e 18; 2 — Peças n.ºs 46.1 e 46.2.

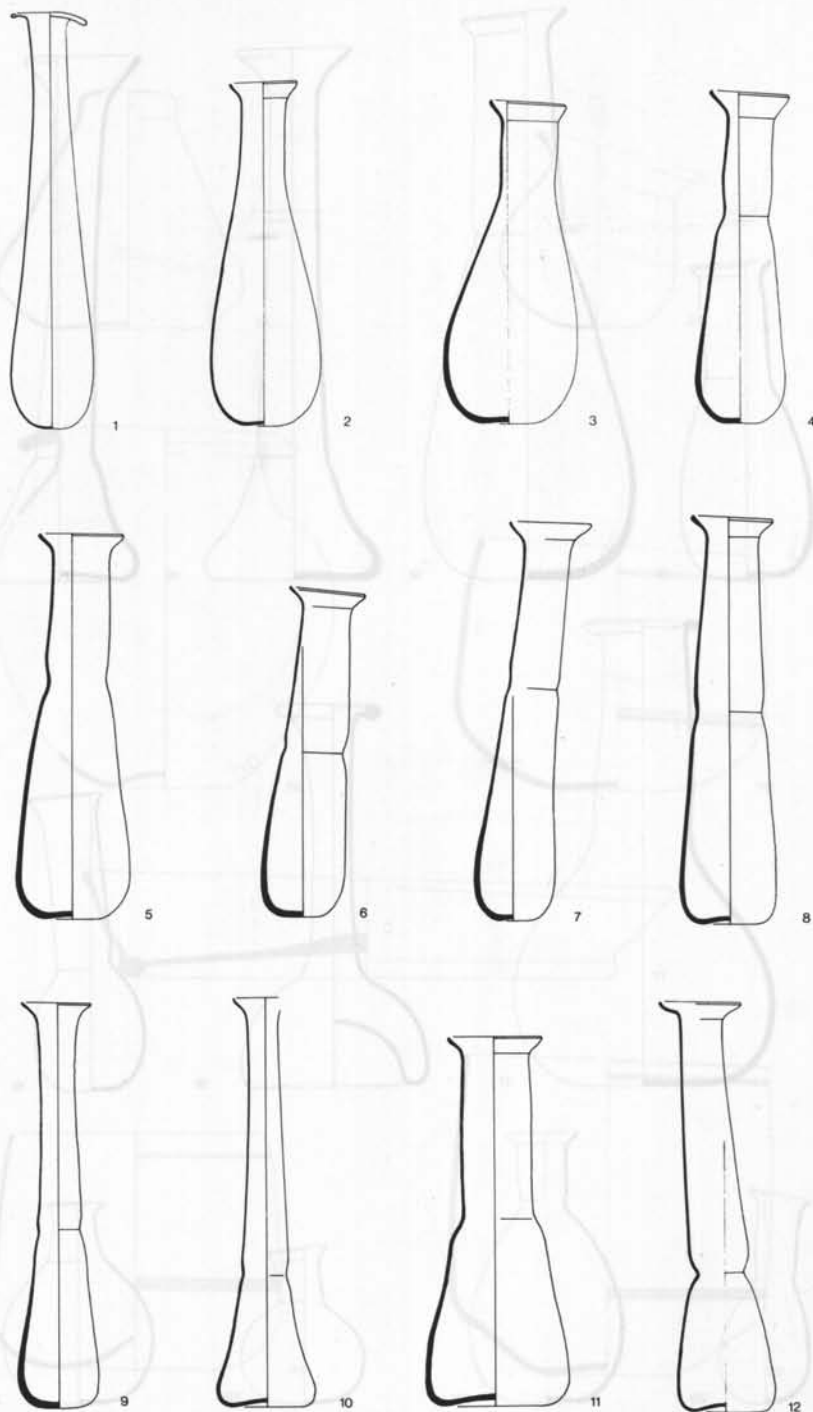


Fig. 3 — 1 a 12 — Unguentários. Esc. 1:2



Fig. 4 — 13 a 23 — Unguentários. Esc. 1:2

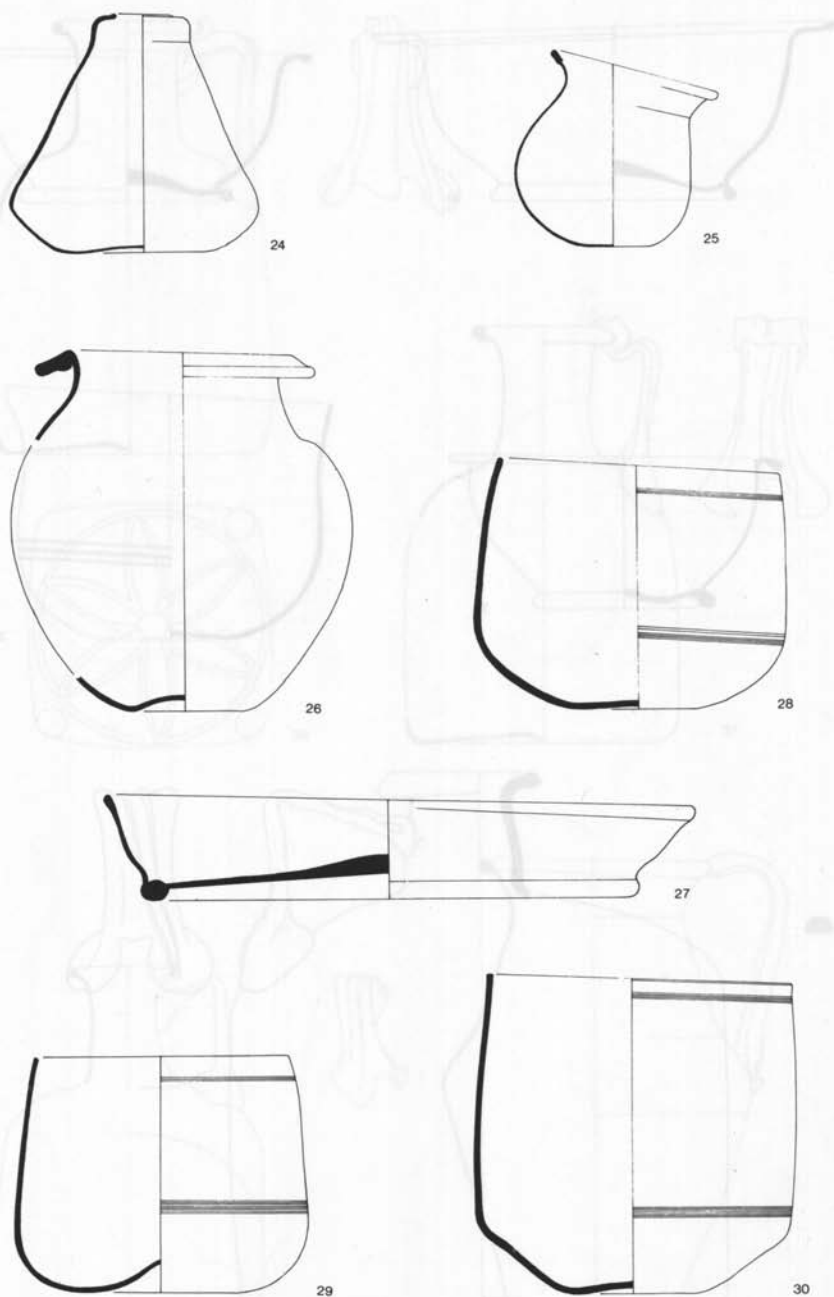


Fig. 5 — 24 — Tinteiro; 25 e 26 — Boiões de unguentos; 27 — Prato; 28 a 30 — Taças.
Esc. 1:2

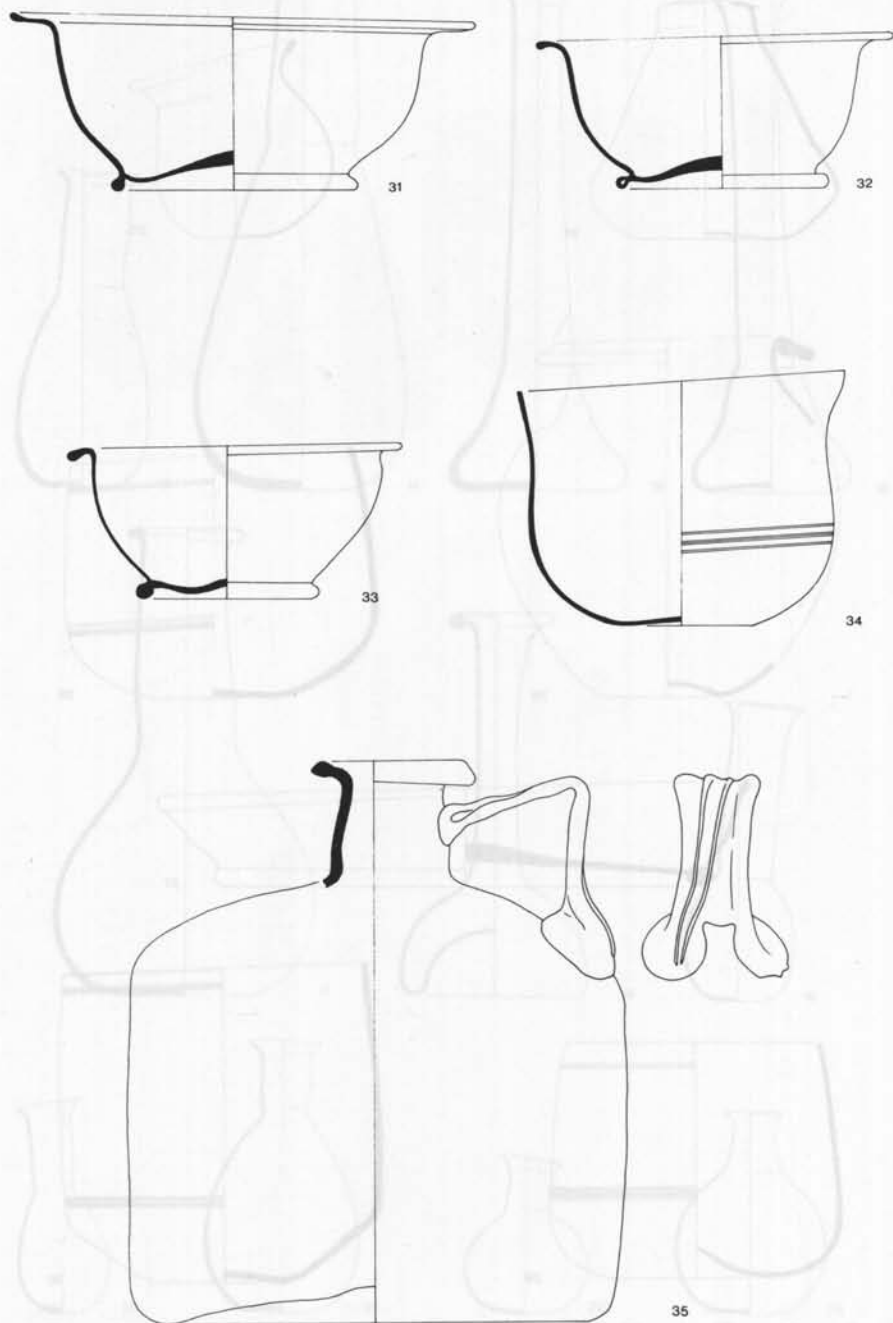


Fig. 6 — 31 a 34 — Taças; 35 Garrafa. Esc. 1:2

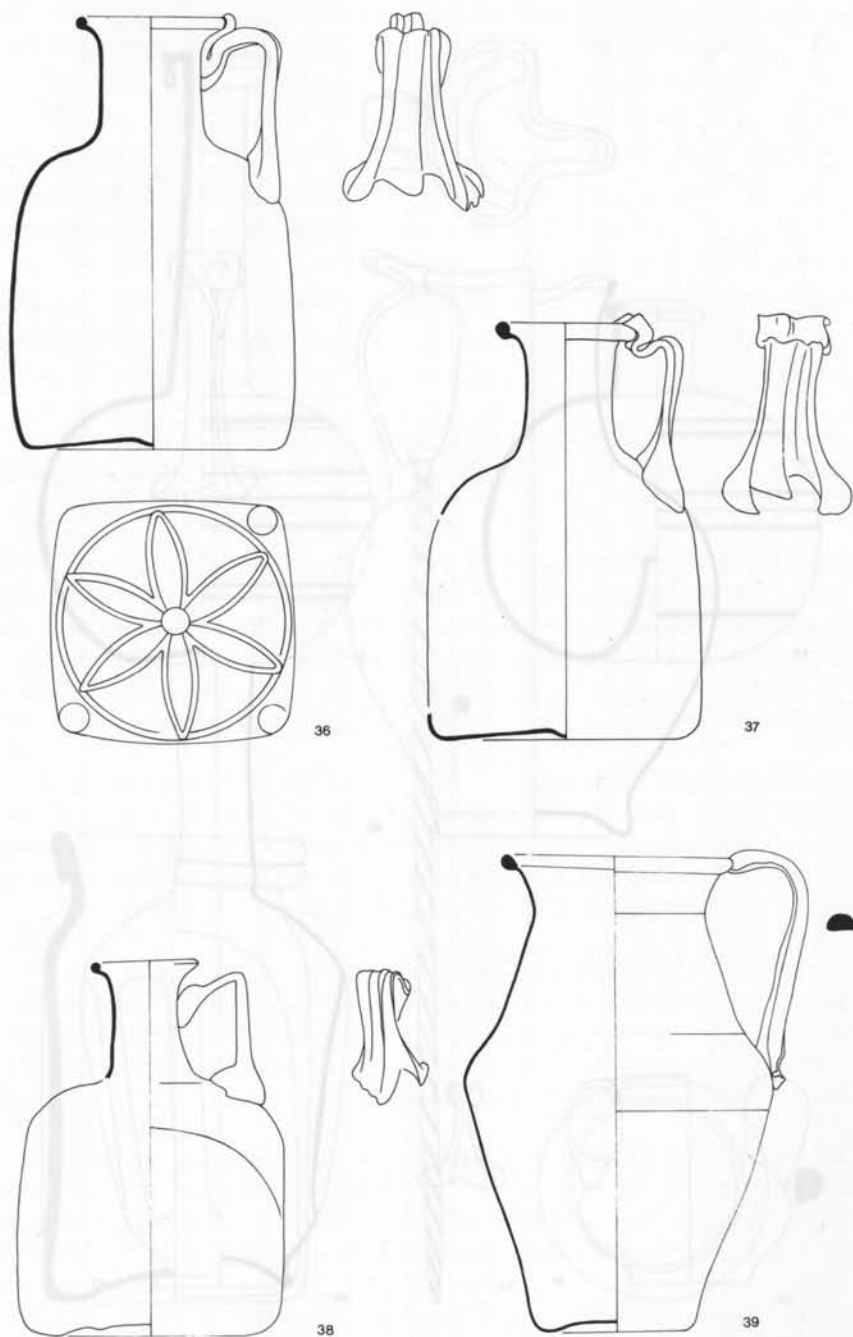


Fig. 7 — 36 a 38 — Garrafas; 39 — Jarro. Esc. 1:2

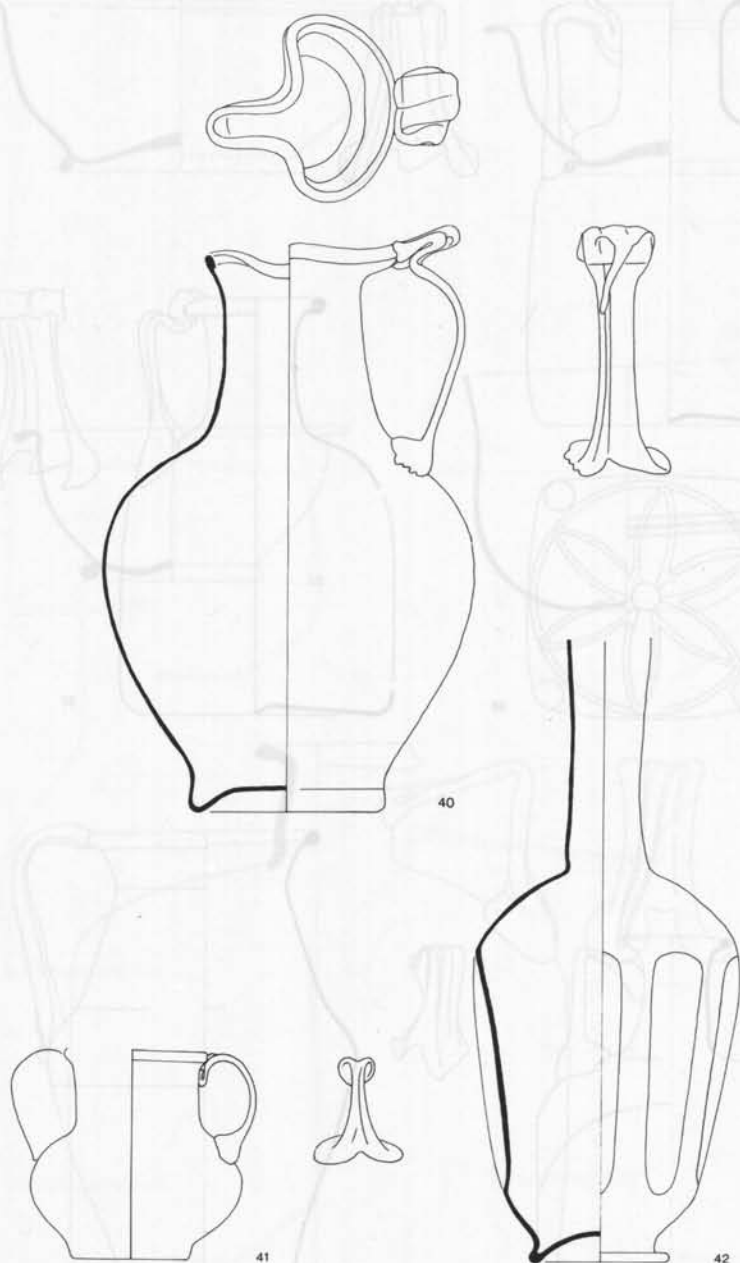


Fig. 8 — 40 — Jarro; 41 — Cântaro; 42 — Jarra. Esc. 1:2

Notas de leitura

José Luíz de M. A. ANTÓN
Los capiteles romanos de Mérida

Badajoz, Museo Nacional de Arte Romano, 1985, 118 p., 32 col.
(Monografías Meridenses, 2)

O trabalho de José Luíz de M. A. Antón sobre os capiteis romanos de Mérida, de que o presente volume é uma síntese, foi objecto de uma nota de leitura publicada no *Arqueólogo Português* (1985, p. 211-212). A. A. (p. 27-45) e a catalogação dos capiteis encontrados em Mérida, tal como se encontram no Museu Nacional de Arte Romano, foi publicada por este autor no *Arqueólogo Português* (1985, p. 213-214). O presente volume é uma síntese do trabalho de Antón, do material, das ilustrações, das notas de conservação e da bibliografia da peça, a que se segue uma discussão e, ainda, uma avaliação cronológica.

A grande variedade de formas dos capiteis de Mérida aproximadamente, levou o A. a organizar o material em 2 grupos: capiteis curtos normais, capiteis curtos anormais, capiteis longos, capiteis romanos e capiteis romanos anormais, que o catálogo é apresentado.

Sobre os estudos cronológicos e evolutivos, deste material (p. 46-50).

Em relação aos problemas de localização dos achados, o A. não pôde localizar com precisão a localização dos achados, o que grande parte deles correspondem a achados de material romano, apesar de um simples mapa da cidade com a localização dos achados para o leitor não muito familiarizado com a localização da cidade de Mérida.

A distribuição potencial dos capiteis por épocas cronológicas, mostrados, como já se viu, o A. não pôde localizar com precisão a localização dos achados, o que grande parte deles correspondem a achados de material romano, apesar de um simples mapa da cidade com a localização dos achados para o leitor não muito familiarizado com a localização da cidade de Mérida.

Como se foi visto, o A. não pôde localizar com precisão a localização dos achados, o que grande parte deles correspondem a achados de material romano, apesar de um simples mapa da cidade com a localização dos achados para o leitor não muito familiarizado com a localização da cidade de Mérida.

Fig. 9 — 43 e 44 — Balões; 45 — Boião; 47 — Cânula; 48 — Pulseira. Esc. 1:2

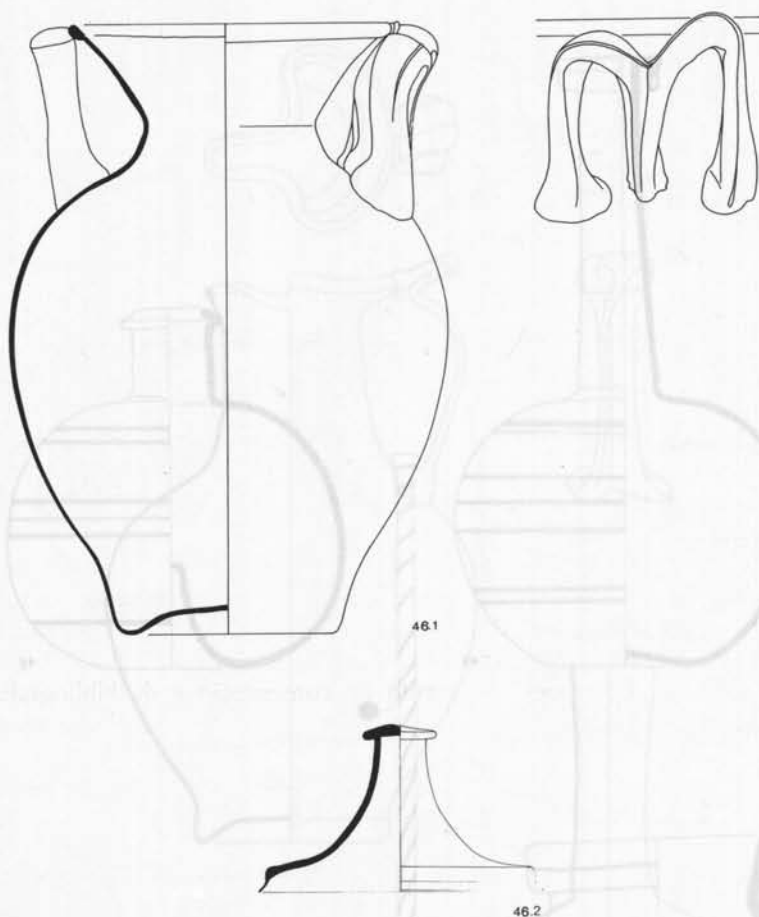


Fig. 10 — 46.1 — Urna; 46.2 — Testo de urna. Esc. 1:3